

CARLOS DA MAIA, UM OUTRO ÉDIPO

CARLOS DA MAIA, ANOTHER OEDIPUS

Maria de Fátima Silva

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

RESUMO

Eça de Queirós retoma, n' *Os Maias*, em linhas gerais, o tema de Sófocles, no *Rei Édipo*. Centrada no incesto, a evolução da intriga valoriza dois elementos trágicos de grande visibilidade: peripécia e reconhecimento.

Palavras-chave: romance, tragédia, peripécia, reconhecimento

ABSTRACT

Eça de Queirós, in *Os Maias*, goes back, in general lines, to Sophocles's *Oedipous Tyrannos*. Centred on a case of incest, the action puts in evidence two main tragic elements: peripeteia and anagnorisis.

Keywords: novel, tragedy, peripeteia, anagnorisis

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1888, particularmente produtivo para a sua carreira, Eça de Queirós publicou, em dois volumes, *Os Maias*, e, ao mesmo tempo, a *Correspondência de Fradique Mendes* (Reis, 1997: 17). Não se tratava de simples acaso, aquele que reunia, num único ano, a produ-

ção de dois títulos tão significativos da produção do chamado *último Eça*. Múltiplos são os sinais, que permeiam ambos os textos, de experiência e de perícia de um autor amadurecido, capaz agora de uma reflexão abrangente – e de uma prática com ela concordante – sobre o fenómeno ‘literatura’; e, entre uma mescla de opções que marcaram a evolução de um perfil literário, consta a influência da tradição greco-latina, ora claramente expressa, ora simplesmente subentendida, mas por certo inegável.¹

No intelectual inovador de que Fradique Mendes é paradigma, conhecer bem as línguas clássicas (Queirós, 2014: 151)² e ler Sófocles no original (Queirós, 2014: 135) figuram na enumeração de um conjunto de conhecimentos, capazes de quebrar a rotina apagada da mentalidade e cultura portuguesa da época, tão distante dos grandes centros do saber e dos novos gostos que iam despertando na Europa. Em contrapartida, a marca dos clássicos parece mais diluída em *Os Maias*, ainda que o magnífico romance de 1888 bebesse de fontes consideradas, no retrato de Fradique, como essenciais. É assim nesse mesmo Sófocles – que Fradique podia ler no original –, e numa das peças que melhor o representa para a modernidade – *Rei Édipo* –, que parece vislumbrar-se inspiração para a trama de base de *Os Maias*: crime involuntário (assassinio, incesto), procura do conhecimento de si mesmo, revelação da infalibilidade de um destino impiedoso fazem de Carlos da Maia uma réplica, moderna e portuguesa, do antigo monarca de Tebas.

1 Jong (1938) documenta a influência de autores gregos e latinos em Eça; menor em relação à literatura latina (Marcial, Horácio, Cícero e Virgílio), mais forte em relação à grega (Ésquilo, Sófocles, Píndaro, Aristófanes e outros), mas particularmente atenta à *Odisseia*.

2 Anos mais tarde, o homem maduro, experiente, viajado em que Fradique foi desabrochando, apresentava-se com o natural resultado desta formação: “A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte e rica. Já os seus instrumentos de saber eram consideráveis. Além dum sólido conhecimento das línguas clássicas ...”.

2. PRESSUPOSTOS TRÁGICOS DA AÇÃO DE *OS MAIAS*: PARALELISMO COM *REI ÉDIPO*

Alguns traços identitários estabelecem entre o protagonista da tragédia sofocliana e o do romance de Eça afinidades evidentes. Tal como Édipo, Carlos da Maia, herdeiro de uma família distinta e aristocrática, foi vítima de uma origem tormentosa; e, por destino, partilhou com o seu modelo a fatalidade de ‘destruir’ a linhagem a que pertencia. Édipo, o filho maldito e destinado, segundo um oráculo premonitório, a converter-se no destruidor do próprio pai (Sófocles, *Rei Édipo*: 711-4), foi condenado pelos progenitores, numa tentativa de aniquilar tão funesta promessa, a um abandono homicida (Sófocles, *Rei Édipo*: 717-9, 1171-6). Mesmo se salvo, antes de mais pelo próprio destino para que a profecia se cumprisse, Édipo, “o de pés inchados”, manteve, para além desta identidade simbólica do estado em que foi recuperado para a vida, um profundo anonimato. Só mais tarde, quando consumados os desígnios divinos – com o assassinio do pai, Laio, o casamento com a mãe, Jocasta, e a conceção de uma progeneritura incestuosa (Sófocles, *Rei Édipo*: 791-3) –, o rei de Tebas viria a confrontar-se com a revelação plena da sua identidade. Mesmo se em proporção diversa, na sua réplica portuguesa existem traços que dialogam com um ponto de partida e uma trajetória semelhantes. Carlos veio ao mundo numa fase de rutura e crise na casa a que pertencia. Pouco tempo passado sobre o seu nascimento, já um crime de adultério de que o pai se vira vítima contribuía para uma quebra decisiva de relações e para o desmantelamento da família. Abandonado pela mãe, em fuga com um aventureiro, e logo depois pelo pai, dobrado ao suicídio como sinal de humilhação e impotência, o mais novo dos Maias viveu, à sua maneira, um processo de ‘exposição’ e a herança de um destino a que era alheio.

Resgatada esta criança da desproteção inicial, alguém assume por missão uma paternidade adotiva. Foi em Corinto, numa outra casa

real onde um casal sem descendência o recebeu das mãos de um servo, depois de encontrado no monte, que Édipo satisfizesse uma ânsia dolorosa dos que o aceitavam como filho, ao mesmo tempo que, sob sua proteção e afeto, se fazia um homem. Afonso da Maia, o avô, aceita, em *Os Maias*, função equivalente. A proteção, neste caso, advém da própria família, com a consciência plena da proveniência da criança; mas, no cumprimento dos seus objetivos, segue uma linha paralela aos pressupostos da tragédia. O velho Maia não era propriamente um pai frustrado pela ausência de um descendente; mesmo assim, não estava isento de uma certa decepção pelo facto de o desejo de uma descendência numerosa lhe ter sido impedido pela debilidade, física e moral, da mulher, Maria Eduarda Runa, de quem não tivera mais do que um herdeiro. E este, sujeito à pedagogia materna e, por natureza, detentor dos traços principais da progenitora, constituíra para Afonso uma preocupação e frustração constantes. Até que o suicídio de Pedro da Maia, um herdeiro tão distante das suas expectativas e dos pergaminhos familiares, o tinha deixado, finalmente, ‘sem filhos’. Foi portanto para aquela criança que vinha animar os seus dias e alertá-lo para as tarefas compensadoras da paternidade, que o avô canalizou todos os seus afetos e atenções.

À medida que a criança foi crescendo, foram-se nela revelando traços de excelência. Como jovens inteligentes, ativos, dotados, escudados num bom nome de família, o filho de Laio e o neto de Afonso souberam conquistar prestígio e respeito entre os seus iguais. É como um rei venerado, depois dos serviços prestados a Tebas – por sua intervenção livre de monstros ameaçadores –, e como um ‘pai’ salvador da vida dos seus concidadãos, que Sófocles nos apresenta Édipo na abertura da peça a que dá título. O reconhecimento dos seus talentos e autoridade de soberano são a causa de uma inegável *arete*. Carlos, num envolvimento social diverso onde o seu nome de família lhe garantiu distinção, encontrou num diploma de medicina,

obtido em Coimbra, uma ferramenta para viabilizar os seus sonhos de descobertas científicas e de curas milagrosas, que do mesmo modo o credenciassem para a proteção de uma comunidade e lhe proporcionassem o reconhecimento geral. E ainda que o sucesso obtido o deixasse muito aquém do prestígio do rei de Tebas, algumas curas tornaram-no conhecido, e sobretudo pontuaram contactos decisivos para o seu percurso de vida.³

Em consequência dos desvios operados pelo acaso, que marcaram a sua origem, Carlos foi colocado numa posição equivalente à do seu modelo. O grande desafio que enfrenta, e para o qual se não encontra desde logo desperto, é o da descoberta de uma identidade que mantém nos dois episódios pontos de obscuridade persistentes. Fica assim na posição de um ‘decifrador de enigmas’ colocado perante diferentes versões de uma verdade que se lhe oculta e lhe desafia a perspicácia.

A descoberta da mais difícil das respostas – a que corresponde à pergunta ‘quem sou eu?’ (cf. Sófocles, *Rei Édipo*: 415) – entrelaça-se com os dois grandes motivos da experiência de Édipo e Carlos da Maia, o incesto e o reconhecimento, um e outro de grande tradição trágica. Embora decisivos em ambos os textos, a estruturação seguida, para esses motivos, num caso e no outro é distinta. Sófocles fez uma opção clara pelo *flashback*, desencadeando um progresso a partir de um desconhecimento total do seu protagonista até ao

3 O retrato que Eça traça de Carlos da Maia, como uma promessa de energia e de empreendimento que se estiola por influência hereditária e de uma Lisboa apagada e retrógrada, produz a demolição das que eram, na infância, as suas qualidades. Mesmo as poucas curas que tinha conseguido não serviram como ponto de partida para algo mais promissor (Queirós, 2017: 226). Essa degenerescência não é experimentada por Édipo, que cresce, em resultado de uma intervenção efetiva em favor dos interesses dos seus concidadãos, à posição de um soberano de excelência.

reconhecimento de uma situação incestuosa de há anos consumada. A ação é protagonizada por um Édipo na plenitude da sua trajetória de vida, casado sem o saber com a mãe, pai de quatro filhos/irmãos, e apenas alertado para o seu crime quando, por determinação dos deuses, a poluição se instala na cidade por ele dirigida. Outra é a opção de Eça de Queirós, que aposta num jogo de simultaneidades. É ao mesmo tempo que vai descobrindo, por referências ou acontecimentos ocasionais, a verdade do seu passado, ainda antes de sequer se ter encontrado com a sua mulher/irmã, que Carlos vai pisando, sem disso ter consciência, o caminho que o há de levar ao incesto, como no caso do rei tebano por incapacidade de interpretar os sinais com que se confronta. Estes são, no seu caso, não o sintoma do que já aconteceu, mas o alerta do que irá acontecer.

3. O ENIGMA DA VIDA: O MAIOR DOS DESAFIOS

O maior desafio que o mito de Édipo comporta diz respeito à limitação a que o conhecimento humano está sujeito. E para que a simbologia seja plena, a ação concentra-se sobre o ‘decifrador de enigmas’, alguém que deu provas na solução dos desafios mais difíceis, mas que se mostra incapaz de se conhecer a si mesmo.

Nesse sentido, tragédia e romance sujeitam os seus protagonistas a um jogo de sinais, portadores de uma evidência incompleta que, em vez de os esclarecer, os confunde. Édipo, conhecedor da exigência do oráculo de Delfos – de que a salvação de Tebas depende da identificação do assassino de Laio, o seu soberano de outrora –, desencadeia um processo de averiguações. Em consequência, é colocado diante de informações imprecisas e controversas. A Creonte, seu cunhado e homem de confiança, ouve contar primeiro que o rei foi vítima de uma quadrilha de assaltantes (Sófocles, *Rei Édipo*: 121-2), o que ilibaria quem eventualmente – como o próprio Édipo – tivesse vitimado, sozinho, alguém. De seguida, quando questionado, o adivinho

Tirésias, em flagrante contradição, não hesita em denunciar o próprio Édipo como responsável pela autoria do crime que pretende esclarecer (Sófocles, *Rei Édipo*: 353, 362). E logo diversos serviçais, das casas reais de Tebas e Corinto, irão acrescentando depoimentos cada vez mais evidentes, até à revelação final.

O romance, por sua vez, passa a pontuar-se de *flashes* dispersos em que o passado retorna, sempre de uma forma inesperada e envolta em mistério. Testemunhas diversas da sua origem, sobre que Carlos tinha sido mantido na ignorância, levantavam-lhe a ponta do véu. O jantar promovido por Ega, no Hotel Central, foi dessa estratégia um exemplo expressivo; através de Tomás de Alencar, que Carlos não conhecia mas que fora íntimo dos seus pais, o passado retorna, com a rememoração da escolha do seu nome. Como uma marca identitária essencial, o poeta Alencar rememora o processo que levou à sua escolha, dividindo os pais (Queirós, 2017: 90-1);⁴ deste modo, patenteava algo de profundo a separar os dois progenitores e a marca que o nome imprimiria no então recém-nascido. Mais tarde, findo o jantar, num passeio a pé pelo Aterro, Alencar avançou com mais pormenores sobre os velhos tempos de convivência com Pedro, de modo que deixou viva no companheiro uma estranha sensação (Queirós, 2017: 218): “através das suas frases de lírico, Carlos sentia vir como um aroma antiquado desse mundo defunto ...”.

4 O nome da criança tinha sido motivo de discussão entre os progenitores, cada um adiantando a proposta que melhor espelhava a sua própria natureza: o pai sugerindo Afonso, o nome do avô, e a mãe, adotando um nome da novela que lia na ocasião e lhe entusiasmava a fantasia – “namorada dele, das suas aventuras e desgraças” (Queirós, 2017: 90-91) –, impôs o de Carlos Eduardo; “um tal nome parecia-lhe conter todo um destino de amores e façanhas” (Queirós, 2017: 91). Há que lembrar que, para Édipo – “de pés inchados” (Sófocles, *Rei Édipo*: 1032-6) -, o nome era também uma marca identitária, salientando o abandono a que os progenitores o tinham votado.

Foi então que, num vago aprofundar de consciência, Carlos, de volta ao Ramalhete, constatou o silêncio que Alencar guardara sobre sua mãe, por deslocada discrição; porque afinal os erros maternos eram já do seu conhecimento. Uma alusão feita, anos atrás, nos tempos de Coimbra, por um Ega embriagado, que lhe invejava uma mãe aventureira num hino à liberdade da mulher (Queirós, 2017: 221-2), trouxe-lhe à memória a versão, socialmente mais correta, com que antes o avô lhe tinha feito a revelação: “um casamento de paixão, incompatibilidades de naturezas, uma separação cortês, depois a retirada da mamã com a filha para a França, onde tinham morrido ambas. Mais ainda. A morte de seu pai fora-lhe apresentada sempre como brusco remate de uma longa nevrose ...”. O contexto em que a revelação de Ega foi feita retomava aquele com que as primeiras suspeitas tinham sido suscitadas também em Édipo; num banquete em Corinto, na corte dos que o tinham adotado como pais (Sófocles, *Rei Édipo*: 774-5), um conviva tocado pelo vinho deixava, a meia luz, a revelação de uma origem que não era aquela que Édipo julgava ser a sua (Sófocles, *Rei Édipo*: 779-84). Uma mesma tentativa de averiguar a verdade os mobilizou a ambos: Édipo questionando os pais adotivos e depois valendo-se da omnisciência divina, na consulta do oráculo de Delfos; Carlos no questionamento de Ega que, em plena ressaca, apanhado na alusão a um segredo que não lhe competia desvendar,⁵ se refugiou em ambiguidades (Queirós, 2017: 222):⁶ “a paixão de Maria por um príncipe, a fuga, o longo silêncio de anos que

5 Da mesma forma que Édipo, Carlos confronta-se com diferentes informadores que ou lhe contam, por ignorância, versões imprecisas ou falsas, ou procuram poupá-lo a uma verdade que sabem penosa; estão neste papel Creonte e Tírsias, no caso tebano, Afonso da Maia e Ega, no lisboeta.

6 Ambiguidade em que o próprio Apolo se refugiou também perante a pergunta de Édipo (Sófocles, *Rei Édipo*: 788-9).

se fizera sobre ela ...”. A certeza da morte, garantida pelo avô, dava lugar a um silêncio impenetrável. Por fim, Afonso da Maia, de novo questionado pelo neto, pôs um remate no assunto, voltando a confirmar, como uma certeza (Queirós, 2017: 223), “a morte da mãe em Viena de Áustria, e a morte da pequenita, da neta que ele nunca vira, e que a Monforte levava ...”. Para sublinhar a indiferença de Carlos pelo desafio do enigma,⁸ o narrador deixava uma espécie de alusão ao modelo que lhe pairava no espírito (Queirós, 2017: 223): “Nem lhe era possível sentir por esta tragédia senão um interesse vago e como literário”. Por trás dele, o próprio Eça como que invertia a ordem natural na relação vida e tragédia: não era a primeira que inspirava a segunda, pela imitação, mas agora a tragédia que lhe sugeria o desenho ‘realista’ de uma vida.

Por sugestiva coincidência, motivos com tradição literária e trágica assolaram, no regresso a casa, o espírito de Carlos da Maia: a visão e o sonho. Primeiro, apenas recostado numa *chaise-longue* e meio adormecido, teve uma visão a cores e desenhada em detalhe: na hora tardia do poente, os recortes da Lisboa bem sua conhecida – o Tejo e o Hotel Central – serviam de moldura à figura de um servo negro que transportava uma cadelinha e de “uma mulher (...) alta, com uma carnação ebúrnea, bela como uma deusa, num casaco de veludo branco de Génova” (Queirós, 2017: 224). Visão essa a que se seguiu, com contornos permanentes, um verdadeiro sonho, quando, já na cama, reviu cada um dos pormenores que lhe povoavam a imaginação, com relevo acrescido para a figura central do

7 A garantia da morte de uma criança de quem depende afinal a solução destruidora de um enigma é comum com a crença de que ‘o filho de Laio’, que deveria ser o seu assassino, tinha morrido (Sófocles, *Rei Édipo*: 855-6).

8 Em claro contraste com a determinação de Édipo, quando desafiado por informações vagas (Sófocles, *Rei Édipo*: 132): “Pois eu vou retomar o caso desde o princípio e esclarecê-lo”.

quadro (Queirós, 2017: 224): “uma mulher passava, com um casaco de veludo branco de Génova, mais alta que uma criatura humana, caminhando sobre nuvens, com um grande ar de Juno que remonta ao Olimpo”. A própria repetição dava a esta imagem o vigor de um verdadeiro presságio. Por estranha coincidência, quando se rememorava o seu passado, visão e sonho impunham-lhe a imagem de uma bela estrangeira, desconhecida, com que Carlos se cruzara à entrada para o jantar, no Central (Queirós, 2017: 199).⁹

4. O INCESTO E A CONSTRUÇÃO DE UM RECONHECIMENTO

Foi como um Édipo que visse arredada, pelo seu talento, a barreira de uma esfinge bloqueadora, no acesso a Tebas e a uma Jocasta solitária, que Carlos viu abrir-se caminho até uma mulher cuja visão ocasional o tinha fascinado.¹⁰ Bastou que um marido inoportuno se tivesse ausentado numa viagem inesperada – como um Laio aniquilado numa encruzilhada da vida – e que uma doença proporcionasse ao médico a exibição dos seus talentos – qual Édipo decifrador de um primeiro enigma.¹¹ Eis frente a frente um par desconhecido que estranha sedução parecia aproximar.

9 Ao longo do romance, multiplicam-se vagas alusões a esse passado familiar de Carlos, em geral coberto de alguma incomodidade; e. g., num jantar em casa dos Gouvarinho, em que um recém-conhecido, o Sousa Neto, recordava os seus contactos com a família Maia, com Pedro da Maia, “um elegante” e com a mãe de Carlos; “e de repente calou-se, embaraçado, levando a chávena aos lábios” (Queirós, 2017: 413).

10 Em Sófocles não há atração carnal de Édipo pela mãe, ainda que implícita nos termos do oráculo. A sua união responde a uma questão de conveniência política.

11 Outras coincidências se coordenaram para deixar livre a Carlos o caminho de acesso à sua nova paixão. Num mesmo comboio que rumava a norte seguiam a Gouvarinho, sua amante exigente e detestada, e o Dâmaso, um pretendente, ainda que mal sucedido, de Maria Eduarda; “era como uma dispersão providencial de todos os importunos” (Queirós, 2017: 384). Uma espécie de presença do destino não passava despercebida a Carlos, ao ver embarcados num mesmo comboio os dois últimos obstáculos à sua paixão.

Começou de imediato a longa construção de um reconhecimento, que, para Édipo, representou uma busca persistente, e para Carlos apenas uma soma de referências que o acaso lhe proporcionava.¹² Sucederam-se, diante de ambos, sinais, a princípio difusos e imprecisos, porém nunca imperceptíveis, que, com o tempo, se foram multiplicando e ganhando maior evidência. A máquina do destino estava em marcha.

O nome – Maria Eduarda – anunciado a Carlos por um servo na iminência de um encontro impôs um registo sem comportar qualquer apreensão, naturalmente. Carlos Eduardo, Maria Eduarda, uma coincidência que não deixou de merecer, do narrador, um expressivo comentário (Queirós, 2017: 368): “Havia uma similitude nos seus nomes. Quem sabe se não pressagiava a concordância dos seus destinos!”. De seguida, já os nomes impunham outras coincidências; a cadelinha, que fazia parte dos sonhos e visões como parte da identidade da sua dona, chamava-se *Niniche*; “Carlos achava lindo este nome de *Niniche*. E era curioso, tinha tido também uma galguinha italiana que se chamava *Niniche*...” (Queirós, 2017: 371). E, na conversa que se foi desenrolando, o Maia ficou a saber que Maria Eduarda, que ele julgava brasileira, era afinal portuguesa (Queirós, 2017: 376),¹³ partilhando com ele mais um traço de identidade. Descobriram mesmo um amigo comum, o Dr. Chaplain, que ambos tinham conhecido em Paris (Queirós, 2017: 377).

12 O reconhecimento praticado em *Os Maias* retoma traços usados por Aristóteles na *Poética* como caracterizadores do processo; de louvar são opções que o aproximam do Édipo sofocliano, um modelo bem sucedido na opinião do Estagirita: que ocorra em simultâneo com a peripécia (1452^a 30-3), que decorra de acontecimentos verosímeis (1455^a 17-21), ainda que Eça introduza também sinais concretos de reconhecimento (como documentos do passado e traços físicos), que o autor da *Poética* (1454b 20-5) reprova.

13 Esta mesma dúvida quanto à origem é experimentada por Édipo, que se julga um estrangeiro e é um tebano (Sófocles, *Rei Édipo*: 452-3).

Depois de um primeiro encontro, sucederam-se as visitas; e, com a partilha da intimidade da casa, Carlos não ficou imune à proximidade de atitudes de Maria Eduarda com práticas da sua própria família. A generosidade com que Maria atendia os vizinhos em dificuldade e se encantava com os animais não passava despercebida a Carlos; “e nestas piedades achava-lhe semelhanças com o avô. Como Afonso, todo o sofrimento dos animais a consternava” (Queirós, 2017: 387).

Vieram depois as confidências. Mas se Carlos a foi pondo a par de tudo o que constituía o seu círculo de vida – o avô, a casa, os amigos, a profissão –, da sua interlocutora não recebeu mais do que um extenso silêncio (Queirós, 2017: 389): “não sabia nada do seu passado, nem mesmo a terra em que nascera, nem sequer a rua que habitava em Paris. Não lhe ouvira murmurar jamais o nome do marido, nem falar dum amigo ou duma alegria da sua casa”. Esta assimetria resulta do próprio caminho seguido pelos dois filhos de Maria Monforte: Carlos sempre ligado à família paterna, os Maias, com uma rota de vida transparente, pelo menos à superfície; Maria Eduarda, vítima ela própria do secretismo de que a mãe rodeara a sua origem, tivera um trajeto de vida irregular, que se não honraria de expor sem reservas. Deste acumular de negações resultava para Carlos uma fantasia, que fazia de Maria uma espécie de deusa, sem contacto com os simples mortais, que tivesse condescendido, em seu favor, numa epifania.¹⁴

14 De resto, a sobreposição de Maria Eduarda com uma deusa correspondia à primeira impressão que deixara, num cruzar com Carlos diante do Hotel Central (Queirós, 2017: 199): “Ela passou diante deles, com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de ouro, e um aroma no ar”.

Entrelaçado com o reconhecimento, um outro tema se vai impondo no romance: a paixão entre Carlos Eduardo e Maria Eduarda, que se revelará um incesto. O impulso amoroso cruza com revelações que se sente necessárias, mas que a ocasião não propicia. Não é por acaso que a declaração de amor de Carlos incentiva a que seria uma primeira revelação da amada. Tratava-se de conseguir para Maria uma casa mais campestre e recatada do que aquele andar que agora ocupava na Rua de S. Francisco. Carlos propunha-se intermediar a compra, ao seu amigo Craft, de uma casa nos Olivais, cumprindo todos os requisitos correspondentes às preferências de ambos. E, neste momento em que uma espécie de projeto de vida comum se abria diante de ambos, a declaração de amor saltou, irreprimível e inesperada. Que uma força maior orquestrava o episódio tornou-se evidente (Queirós, 2017: 423): “e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, trespassando-se com os olhos, como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo, e eles esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos ...”. Este era o momento da peripécia, a reviravolta iminente e imprevista (cf. Aristóteles, *Poética* 1452^a 22-6). Foi então que Maria Eduarda repetiu (Queirós, 2017: 423): “Antes que seja tarde há uma coisa que lhe quero dizer ...”. Não sem que a emoção, e logo um criado que entrava, a tivessem impedido de consumir o seu desígnio. Carlos, sobretudo, atropelava a revelação, com protestos de uma ironia verdadeiramente trágica (Queirós, 2017: 423): “Eu sei o que él exclamou, ardentemente, junto do rosto dela, sem a deixar falar mais, certo de que adivinhara o seu pensamento”. A cegueira emotiva, a certeza de interpretar de acordo com os seus sentimentos uma verdade que se projetava da obscuridade, faziam dele, como de Édipo, o espírito defensivo que resiste à imposição do seu destino. Ainda que perturbada, Maria capitulou (Queirós, 2017: 425): “Havia uma coisa que eu lhe queria dizer, mas

não importa ...¹⁵”. Eça, como um bom executante da técnica da *anagnorisis*, estendia habilmente um processo com sucessivos adiamentos.

A partir deste momento fulcral, o tempo impôs-se com a rapidez trágica que o caracteriza. “No dia seguinte” (Queirós, 2017: 425), Carlos iniciou, com a precipitação que o amor lhe ditava, a negociação da casa. E o Craft, “sem pestanejar” (Queirós, 2017: 426), cedeu-lha – “e ali mesmo concluíram a negociação”, Queirós, 2017: 426–, num acordo que atentava contra o património familiar, como é próprio de uma paixão arrasadora (“Carlos nem por um momento pensou na larga despesa que fazia”, Queirós, 2017: 426). Logo correu a dar a boa nova a Maria Eduarda (Queirós, 2017: 427): “O dono da casa estava pronto a alugar, já, numa semana ... E assim se achava ela de repente com uma vivenda pitoresca ...”

A Maria Eduarda – como a Jocasta – parece assistir uma maior perspicácia; perante entusiasmo tão esfusiante ela suspende-se, refugia-se no silêncio, empalidece, desconfia, sem, no entanto, ter força suficiente para resistir a um destino que a arrasta. E quando exprime uma preocupação tão ‘humana’ como o custo que a nova casa vai representar ou os comentários que a generosidade de Carlos irá suscitar, este tem uma interessante reflexão sobre a distância que afasta homens de deuses na experiência de paixões arrasadoras. Para os mortais, as ações que praticam são patentes e sujeitas à inconfidência; em contrapartida “os deuses antigamente arranjavam essas

15 Este passado que Maria Eduarda se viu compelida a calar irá aparecendo, pouco a pouco, por vagos comentários de acaso, do mesmo modo que a origem oculta de Carlos. É primeiro o despeito da Gouvarinho, colocada diante do abandono de um amante, que rasga uma fenda, em tom acrimonioso (Queirós, 2017: 455): “Pois bem! Vai, deixa-me! Vai para a outra, para a brasileira! Eu conheço-a, é uma aventureira que tem o marido arruinado, e precisa quem lhe pague as modistas!...”. Apesar de carregada de imprecisões, a denúncia é mesmo assim reveladora.

coisas melhor, tinham uma nuvem que os tornava invisíveis. Nós não somos deuses, felizmente ...¹⁶”.

Consagrada a intimidade após os encontros na ‘Toca’, chegou o dia em que Maria mostrou vontade de conhecer o Ramalhete. Motivava-a a ideia de penetrar na casa onde parte da existência de Carlos decorria. Mas, sem o saber, dava um passo gigante para a revelação do verdadeiro elo que os unia. Foi então que, pela primeira vez, Maria viu um retrato de Pedro da Maia e registou como em nada se parecia com o filho. O que lhe suscitou um comentário extravagante (Queirós, 2017: 478): “Sabes tu com quem te pareces às vezes? ... É extraordinário, mas é verdade. Pareces-te com minha mãe!”. “Carlos riu”, com aquele riso que, mais do que prazer, significava uma fatal ignorância. Maria Eduarda continuou: “Pois é verdade. Há um não sei quê na testa, no nariz ... Mas sobretudo certos jeitos, uma maneira de sorrir ... Outra maneira que tu tens de ficar assim um pouco vago, esquecido ... Tenho pensado nisto muitas vezes ...”. As semelhanças físicas, convencionais no reconhecimento, introduziam-se agora no processo. Mas logo, ao satisfazer a curiosidade de Carlos sobre a sua mãe (Queirós, 2017: 479), Maria fazia recuar o que parecia uma aproximação: adiantava-lhe então a história de uma senhora da Madeira, sem fortuna, casada com um austríaco, seu pai, que ela nunca conhecera; criada sempre com a mãe, a sua língua era o português e como portuguesa se reconhecia. Irmãos, tivera apenas uma irmã que morreu cedo e de que, em Paris, conservava um retrato. Somavam-se as obscuridades; Maria desconhecia a verdade plena da

16 Não deixa de ser perceptível, neste comentário, um eco de outras abordagens feitas por Eça de referências clássicas equivalentes. É com uma imagem semelhante que, na *Correspondência de Fradique Mendes* 113-4, Eça desenha o que possa ser um encontro amoroso vivido por imortais. Do mesmo modo que o louvor da imperfeição humana conforma o sentido do conto *Perfeição*.

sua origem que a mãe nunca ousara revelar-lhe. Foi então que, de modo inopinado, a chegada do Ega suspendeu a conversa, adiando ainda qualquer conclusão.

Mas agora que a roda do destino girava sem demoras, já Castro Gomes, o pretense marido de Maria Eduarda, inesperadamente regressado do Brasil, declinava a relação e desmascarava, diante de Carlos, o passado obscuro e culpado de alguém que para ele usava o nome de Madame Mac Gren (Queirós, 2017: 488). Uma carta anônima, uma visita esclarecedora ao Ramalhete, e a máscara de uma delicada Maria caía para revelar uma aventureira, que usava a beleza para sobreviver. Perante uma evidência tão gritante, Carlos penalizava-se da sua cegueira. “E seria tão fácil, desde o primeiro dia no Aterro, ter percebido que aquela deusa, descida das nuvens, estava amigada com um brasileiro!” (Queirós, 2017: 489). Agora que a verdade o atingia, lamentava a sua incapacidade de ler o quadro que se oferecia ao seu olhar. Revoltava-se pela ingenuidade ou ignorância que manifestara, apesar de ser alguém experiente nas pequenas misérias sociais. E adiantava um comentário conveniente à evocação da polémica sofisticada entre verdade e aparência (Queirós, 2017: 489): “A sua paixão absurda de romântico pusera-lhe logo, entre os olhos e as coisas flagrantes e reveladoras, uma dessas névoas douradas que dão às montanhas mais rugosas e negras um brilho polido de pedra preciosa!”.

O seu primeiro impulso foi para a rutura, para a recusa imediata de uma paixão que o humilhava. A primeira parte do seu sonho desabava, mas algo faltava ainda. Maria Eduarda aguardava-o, agora disposta a uma confissão.¹⁷ Às etapas de vida já reveladas pelo Castro

17 A revelação penosa do que parece a verdade inteira, mas que afinal omite pontos essenciais, colocando frente a frente os protagonistas de um incesto, aproxima esta

Gomes acrescentava mais uma fase anterior, a relação com um irlandês de que lhe advinha a filha. E na história triste da sua vida referia a mãe, como causa última de todo um destino vergonhoso e sofrido (Queirós, 2017: 501): “Fora sua mãe ... Era horróroso dizê-lo, mas fora por causa dela que conhecera e que fugira com o primeiro homem, o outro, um irlandês...”. Mãe ainda sem nome nem rosto, mas uma peça chave na decadência da sua vida. Uma vez mais a Carlos é assacada a responsabilidade de não querer ouvir; não lhe tinha dito ela, na hora da declaração de amor, que havia uma coisa que lhe queria dizer? Como pode agora acusá-la de mentira ou de segredo, se ele mesmo barrou a revelação da verdade?

Com a mesma precipitação de sempre, Carlos julgava-se desta vez de posse de ‘toda’ a verdade. Queixava-se da mentira como algo do passado, como se um reconhecimento total tivesse sido levado a cabo. Sempre rendido à força da paixão, avançou então com o derradeiro impulso: um pedido de casamento. Pensava deste modo pôr fim a todas as incertezas, como Jocasta apaziguava Édipo aconselhando-o a esquecer todas as apreensões perante o que parecia a garantia de que ele não estava implicado no assassinio de Laio (Sófocles, *Rei Édipo*: 715-25). Num desejo agora de absoluta franqueza, Maria Eduarda quis fazer a revelação completa do seu passado. Mas as meias verdades persistiam, não por intuito de omissão, mas por pura ignorância sobre a sua própria origem. Munida de “um cofre de sândalo” (Queirós, 2017: 509) de onde pretendia tirar ‘os objetos de reconhecimento’, Maria narrou minuciosamente o que sabia do seu passado. Sobre o que dizia respeito à sua origem – a pátria onde nascera, o pai, a infância –, os múltiplos “pouco se recordava”, “quase nada sabia”, “apenas

confissão de Maria Eduarda daquela com que Édipo brinda Jocasta, quando uma profunda crise se instala na família e na cidade (Sófocles, *Rei Édipo*: 769-833).

recordava”, “lembrava-se somente”, “a mamã (...) não tolerava que lhe perguntassem pelo passado” (Queirós, 2017: 510), semearam mais dúvidas do que certezas. Claro ficou o trajeto de existência de uma mãe aventureira, feito de um dia-a-dia difícil compensado por costumes reprováveis e fáceis. Entregue a essa mãe libertina, Maria passou a partilhar com ela, mesmo se contrafeita, não apenas a beleza, mas também a necessidade de se valer da formosura para sobreviver. Revelou-se então vítima de um abandono, denunciando uma dupla exposição: na segunda geração dos Maias, Pedro e Maria – como o casal real de Tebas, Laio e Jocasta – tinham exposto a um destino fatal não um, mas os seus dois filhos, Carlos e Maria Eduarda.

Foi justamente depois de um jantar na intimidade da Rua de S. Francisco, em que Ega apreciara a felicidade perfeita de Carlos,¹⁸ que a revelação total aconteceu, ainda por interposição de dois intermediários: Ega, o amigo íntimo que recebe a verdade crua e inesperada – Carlos e Maria são irmãos ... e amantes –, e Mr. Guimarães, o tio do Dâmaso o mais fiel inimigo do Maia – vindo não de Corinto, mas de Paris –, que lha debita com uma declaração pessoal e a promessa de um cofre de provas (Queirós, 2017: 604-11).¹⁹ Eis finalmente preen-

18 Com a sua reflexão, Ega contribui para a precipitação trágica dos acontecimentos: é na plenitude da felicidade que Carlos é colhido pelo desastre. No comentário funde-se a noção clara do trágico com o *bathos* da ironia (Queirós, 2017: 578): “Carlos era positivamente o homem mais feliz destes reinos! Em torno dele só havia facilidades, doçuras. Era rico, inteligente, duma saúde de pinheiro novo; passava a vida adorando e adorado; só tinha o número de inimigos que é necessário para confirmar uma superioridade; nunca sofrera de dispepsia; jogava as armas bastante para ser temido; e na sua complacência de forte nem a tolice pública o irritava. Ser verdadeiramente ditoso!”. A antiga *arete* moldava-se à realidade lisboeta.

19 Sousa, 2015: 731 sublinha o caráter de vingança que a intermediação de Mr. Guimarães representa, como tio de Dâmaso, de algum modo traído por Carlos nas suas expectativas de conquistar Maria Eduarda.

chida, por um testemunho irrecusável, a parte inicial da história: a origem de Maria Eduarda e o seu passado mais remoto. Porque em tudo o mais a versão de Mr. Guimarães confirmava a confissão que a própria Maria fizera a Carlos. Tal como Édipo que sentia avizinhar-se uma verdade medonha sobre a sua origem, apesar dos conselhos de Jocasta, não ousava refugiar-se numa ignorância prudente (Sófocles, *Rei Édipo*: 1056-61), também Ega, esmagado pela revelação, insistia na tentativa de desfazer, perante provas, a terrível ameaça. “Subia nele a incredulidade contra esta catástrofe de dramalhão” (Queirós, 2017: 610), numa alusão explícita à tradição dramática que lhe servia de modelo. A ‘história real’ a que assistia numa vulgar rua de Lisboa, à distância do tempo e do espaço da velha Atenas, continha todas as estranhas coincidências de uma ficção “como invenções subtis da arte, para dar à alma humana um terror novo...” (Queirós, 2017: 611). A própria capacidade de causar “terror” torna transparente o cumprimento de um dos requisitos que Aristóteles recomendava para a tragédia (*Poética* 1449b 28-9).

Carlos foi o último a ter conhecimento de quem era a mulher com quem sonhara casar e que afinal se revelou sua irmã, após uma longa cadeia de transmissão ter repercutido esse tremendo segredo de família. Teve um arroubo de dignidade, pensou em enfrentar com força o infortúnio. Mas em vez da determinação – aquela que levou o seu modelo a furar os olhos –, acabou refugiando-se em hesitações, deixando, enfim, que a paixão se impusesse sobre a razão. Chegou mesmo a interrogar-se (Queirós, 2017: 433): “Não seria mais lógico calcar desesperadamente todas as leis humanas e divinas (...)?”, no que soou ao retorno aos velhos códigos morais. Foi preciso que a *physis*, o impulso meramente físico de repugnância pelo incesto, se encarregasse da rutura. Se a ideia de morte lhe perpassou no espírito, foi apenas para ser arredada pela moleza de uma alma acomodada, a que só o destino sujeitara a uma experiência digna de heróis. Faltava-

lhe para tanto, a par da incompreensão perante desígnios superiores, a audácia com que o seu modelo trágico procurava vencer as ciladas do destino.

REFERÊNCIAS

- DESERTO, Jorge (2015). “O que não cabe nas palavras. Peripécia e reconhecimento em *A Tragédia da Rua das Flores* e n’ *Os Maias*”, in M. Fátima Silva, M. das Graças Augusto (eds.), *A recepção dos Clássicos em Portugal e no Brasil*. Coimbra: IUC. 255-275.
- DODDS, Eric Robertson (1991). “On misunderstanding the *Oedipus Rex*”, in Erich Segal (ed.), *Oxford Readings on Greek Tragedy*. Oxford: University Press. 177-188.
- JONG, Marcus de (1938). “Eça de Queiroz devant l’antiquité”. *Revue de Littérature Comparée* Janvier-Mars: 207-213.
- MACEDO, Hélder (2015). “(Os) *Maias* e a veracidade da inverosimilhança”, in Alfredo Campos Matos (ed.), *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: INCM. 825-827.
- QUEIRÓS, Eça de (2017). *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*. Ed. de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional.
- QUEIRÓS, Eça de (2014). *A Correspondência de Fradique Mendes. Edição crítica das obras de Eça de Queirós*. Edição de Carlos Reis, Irene Fialho e Maria João Simões. Lisboa: INCM.
- QUIJADA, Milagros (2005). “La *anagnorisis* como matéria y forma de la tragédia griega”, in Francesco de Martino, Carmen Morenilla (eds.), *Entre la creación y la recreación*. Bari: Levante. 491-509.
- REBELO, Luís de Sousa (2005). “*Os Maias* na perspectiva de Sófocles”, in Aires do Nascimento (ed.), *Sófocles. XXV centenário do nascimento*. Lisboa: CEC. 107-116.
- REIS, Carlos (1978). *Introdução à leitura d’Os Maias*. Coimbra: Livraria Almedina.

- REIS, Carlos (1997). *Eça de Queirós consul de Portugal à Paris: 1888-1900*. Paris: Centre Culturel C. Gulbenkian.
- REIS, Carlos (1999). *Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Presença.
- SOUSA, Américo Guerreiro (2015). “O incesto n’ *Os Maias*”, in Alfredo Campos Matos (ed.), *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: INCM. 730-732.

